RELISE

QUILOMBO DO AMANHÃ[1]

Tamara da Silva[2]

No canto mais esquecido da cidade, onde os mapas hesitam em chegar, existe um lugar chamado Quilombo do Amanhã. Não é um quilombo no sentido histórico estrito, mas um espaço de resistência, de comunidade, onde as mãos se unem para plantar, construir e sonhar. Ali, a palavra "pobre" tem um significado que transcende a falta de dinheiro. Fala da ausência de políticas públicas eficazes, da invisibilidade institucional e, paradoxalmente, da riqueza de solidariedade.

Era uma tarde nublada quando a Dona Terezinha, matriarca de fala mansa e olhos cheios de histórias, resolveu reunir a comunidade no centro do bairro. O chão de terra batida mal suportava o peso das preocupações dos moradores, mas era firme o suficiente para sustentar os sonhos que ali germinavam.

"Não é só de tijolo e cimento que precisamos", começou ela. "É de respeito, de políticas que enxerguem a gente. Não quero mais que os nossos jovens tenham que escolher entre o crime e a submissão. Aqui, a gente planta, cozinha e educa, mas quem governa essa cidade precisa fazer a sua parte".

A comunidade ouviu em silêncio, enquanto as crianças corriam ao redor, alheias à urgência daquela conversa. Dona Terezinha falava de transporte público que não chegava, de postos de saúde sem remédios, de escolas onde os professores, apesar de heróis, lutam sozinhos contra o abandono.

No Quilombo do Amanhã, cada gesto de resistência era uma política pública improvisada. A horta coletiva alimentava as famílias; o salão comunitário, feito de tábuas e telhas velhas, era ao mesmo tempo igreja, escola e refúgio. Ali,

[1] DOI: doi.org/10.5281/zenodo.14974579
[2] Universidade Federal do Paraná. tamara.dasilva@hotmail.com

aprendia-se não apenas matemática e português, mas o valor da união, o significado de "ninguém solta a mão de ninguém".

Mas não bastava. O que Terezinha queria, o que todos ali queriam, era que o Estado enxergasse aquela comunidade como parte do todo, e não como um problema a ser varrido para debaixo do tapete urbano.

Foi então que apareceu Dandara, uma jovem advogada formada pelo esforço conjunto de sua mãe solo e a teimosia que só quem conhece a pobreza pode cultivar. Negra, de tranças que reluziam como o ouro que seus ancestrais nunca viram, Dandara ouviu Terezinha e os outros com atenção.

"Vocês não estão sozinhos", disse ela, com um brilho no olhar que misturava indignação e esperança. "O Quilombo do Amanhã é um exemplo do que as políticas públicas deveriam ser: feitas por quem vive a realidade, mas vamos além. Vamos exigir transporte, saúde, educação e vamos exigir na rua, na lei, onde for preciso".

Dandara sabia que o caminho seria longo. Políticas públicas eficazes não nascem de promessas; nascem de pressão, de organização, de narrativas que rompem os muros da indiferença, ela sabia que não bastava ser quilombo: era preciso ser movimento.

E assim, o Quilombo do Amanhã ganhou um novo capítulo. Não perdeu a terra batida, nem o salão improvisado, mas ganhou algo maior: a certeza de que sua luta era parte de um Brasil que, teimosamente, ainda insiste em sonhar.

E, no final daquela tarde, enquanto a chuva começava a cair, Terezinha olhou para o céu e sorriu. "A gente é pobre, mas rico de coragem. E isso, minha filha, ninguém tira".

A chuva chegou fina, como se o céu chorasse aliviado pela coragem que brotava do chão daquele quilombo urbano. As crianças, sempre indiferentes às preocupações dos adultos, riam e dançavam na chuva, cantarolando canções ensinadas por seus avós. Eram pequenas guardiãs de esperança, carregando

nos pés descalços a leveza que os mais velhos pareciam ter perdido ao longo do caminho.

Dandara ficou observando-as por um momento. Elas eram a razão de tudo. O motivo para a luta, os sonhos e os sacrifícios. Se a universidade a tinha ensinado algo, além das leis e dos livros, era que o saber não se bastava sozinho. Sem afeto, sem coletividade, era apenas um punhado de palavras vazias. Ela lembrava com carinho das rodas de conversa no campus, onde aprendia sobre *ubuntu*: a filosofia africana que dizia que "eu sou porque nós somos".

“Ubuntu,” murmurou Dona Terezinha, como se lesse seus pensamentos. “É disso que a gente vive, menina. É o que nos mantém de pé. Não dá pra lutar sozinha, não dá pra sonhar sozinha. A força tá aqui, em cada um de nós”.

Dandara sorriu. Terezinha tinha o dom de traduzir o que parecia complicado em algo que cabia no coração. Naquele momento, ela decidiu que o Quilombo do Amanhã precisava ir além do asfalto irregular do bairro. Precisava ecoar como um exemplo para outras comunidades. Precisava cruzar os muros da indiferença e chegar às universidades, às câmaras de vereadores, ao coração de quem nunca havia pisado numa favela.

"Vamos organizar um mutirão," disse Dandara, com os olhos brilhando de ideias. "A gente vai construir uma biblioteca comunitária aqui. Um espaço onde os saberes do nosso povo convivam com os livros de lá de fora. Vamos trazer gente da universidade pra cá, mas também vamos levar as histórias daqui pra lá. Trocar saberes é construir justiça social".

A comunidade vibrou com a ideia. Dona Terezinha, com sua autoridade silenciosa, levantou-se e completou: “E a gente vai fazer isso com afeto, porque é assim que as coisas verdadeiras se constroem”.

Os dias seguintes foram uma explosão de coletividade. Enquanto uns limpavam o terreno, outros recolhiam doações de livros e materiais. Estudantes

e professores da universidade apareceram para ajudar, surpreendidos pela força e organização do quilombo. Não era caridade; era troca. Eles vinham ensinar, mas também aprender.

As crianças, como sempre, estavam por toda parte. Sujas de terra e cheias de energia, ajudavam carregando pequenos tijolos, pintando cartazes e sonhando com um futuro em que poderiam ser médicas, professoras, engenheiras. Para elas, o Quilombo do Amanhã já era um mundo novo, cheio de possibilidades.

No dia da inauguração da biblioteca, choveu de novo. Mas dessa vez, ninguém se importou. Sob o telhado improvisado, Dona Terezinha fez um discurso curto e emocionante.

“Hoje, a gente não tá só construindo um lugar pra guardar livros. Estamos construindo um futuro. Um futuro em que a justiça social não seja só uma palavra bonita, mas algo que a gente viva todos os dias. Isso aqui é pra vocês, crianças para que nunca parem de sonhar”.

Dandara olhou para o horizonte, onde o céu começava a abrir. A luta era longa, sabia disso, mas ali, cercada por sorrisos, por mãos unidas, por *ubuntu*, sentiu que o impossível era apenas uma questão de tempo.

O Quilombo do Amanhã não era só um lugar, era um manifesto vivo de esperança, uma prova de que, mesmo em meio à pobreza, o sonho coletivo podia florescer. Uma lembrança de que, como dizia Dona Terezinha, “a gente é rico de coragem, de afeto, e isso, minha filha, ninguém tira”.

Os dias que se seguiram à inauguração da biblioteca foram um turbilhão de movimento no Quilombo do Amanhã. Se antes as mãos estavam ocupadas apenas com a terra e os tijolos improvisados, agora eram mãos que escreviam, bordavam e teciam futuros.

Foi Dona Terezinha quem deu o próximo passo. Entre suas histórias antigas e receitas de família, ela enxergou no saber tradicional das mulheres

quilombolas uma forma de unir renda e resistência. Chamou as jovens, as velhas e até as crianças para conversar.

“A gente tem o que o dinheiro não compra”, disse ela, firme. “Tem o saber das ervas, do artesanato, do tecido e da comida que cura e alimenta. Vamos colocar isso a serviço do nosso quilombo, mas do nosso jeito”.

E assim nasceu a Feira Solidária do Quilombo, um espaço que não era apenas de venda, mas de celebração. Lá, as mulheres exibiam suas mãos habilidosas através de cestos trançados, doces de banana e compotas de goiaba feitas com as frutas da horta coletiva. O cheiro das ervas medicinais preparadas por Dona Terezinha e as jovens curandeiras se misturava ao aroma do café coado em fogões improvisados.

A feira começou pequena, mas logo se espalhou para os bairros vizinhos. Os consumidores vinham não só pelos produtos, mas pela história viva que carregavam. Compravam mais do que alimentos ou artesanato; levavam consigo um pedaço do quilombo, um manifesto silencioso de autonomia.

Dandara, atenta como sempre, percebeu o potencial daquele movimento. Junto com estudantes e voluntários que ainda frequentavam o quilombo, ajudou as mulheres a criarem uma cooperativa solidária.

“A economia solidária é a nossa resposta ao abandono”, explicou durante uma reunião sob a sombra de uma mangueira antiga. “Aqui ninguém explora ninguém. O que a gente produz, a gente decide. O lucro não sai daqui, ele volta pra comunidade”.

A cooperativa cresceu devagar, com o tempo e a paciência que o saber comunitário exige. As mulheres lideraram tudo: fizeram as contas, definiram os preços e criaram um fundo para melhorias no quilombo. Com o dinheiro arrecadado, reformaram o salão comunitário, ampliaram a horta e começaram a oferecer pequenos cursos de bordado, panificação e cuidado com plantas medicinais.

“Quem diria que a nossa resistência ia virar sustento?”, comentou Dona Terezinha um dia, enquanto passava as mãos pelas tranças de Dandara, como quem agradece em silêncio.

A organização das mulheres quilombolas não passou despercebida. Jornalistas e pesquisadores começaram a visitar o Quilombo do Amanhã, interessados em documentar o que chamavam de "exemplo de economia social". Para Dandara, porém, aquilo não era só um caso de sucesso acadêmico.

“Não somos objeto de estudo”, ela disse a um repórter, certa vez. “Somos sujeitos da nossa própria história. E essa história ainda está sendo escrita, com as mãos calejadas das nossas mulheres e os pés descalços das nossas crianças”.

Com o tempo, o Quilombo do Amanhã se tornou um farol. Outras comunidades começaram a se organizar, inspiradas na força de Dona Terezinha, na liderança de Dandara e no saber ancestral das mulheres que aprenderam a transformar a resistência em existência digna.

A feira continuava acontecendo todo mês, sempre com música, dança e sorrisos. As crianças, agora um pouco maiores, já ajudavam suas mães e avós, aprendendo desde cedo que a coletividade é o único caminho.

Naquele ano, no último dia da feira, Dandara subiu num pequeno palco improvisado e olhou para o horizonte. Ao seu lado, Dona Terezinha sorriu.

“O Quilombo do Amanhã não é o fim da nossa luta”, disse Dandara, emocionada. “É só o começo. E que esse amanhã, com suas mãos trançadas de solidariedade e saberes antigos, chegue para todos os quilombos deste país”.

Enquanto a comunidade aplaudia, o sol começava a se pôr, tingindo o céu de laranja e rosa. As crianças corriam descalças, as mulheres abraçavam suas conquistas e, por um instante, o impossível parecia ter sido vencido.

O Quilombo do Amanhã não era só resistência. Era reinvenção. Era o presente construindo um futuro em que ninguém solta a mão de ninguém.